

# Proposta une progressistas

O deputado Roberto Freire, líder do Partido Comunista Brasileiro, propôs ontem, da tribuna, a formação de um bloco democrático dentro da Assembléia Nacional Constituinte para fazer frente ao bloco conservador articulado pelo líder do PFL, deputado José Lourenço, que garante apoio de um grande número de parlamentares peemedebistas.

O líder do PCB acha normal e democrática a articulação de um bloco conservador, e defende que os parlamentares mais progressistas também se organizem em bloco para uma luta que, argumentam alguns parlamentares, será inevitável na Assembléia Nacional Constituinte.

O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), citado nos corredores do Congresso como um dos articuladores do bloco conservador, ao lado de José Lourenço, negou que esteja participando do movimento, mas observou, ao saber da proposta de Roberto Freire, que "a toda ação

Const 87

corresponde uma reação". E disse estar pronto a colaborar porque, observou, "se a luta vai ocorrer, e eu não tenho dúvida quanto a isto, é melhor que seja feita de maneira organizada".

O deputado João Hermann, candidato à liderança do PMDB na Câmara, também vê como normal a articulação conservadora. "Eu me assustaria se não houvesse essa articulação, porque seria sinal de que a coisa estaria sendo feita às escuras. Seria sedição, observou".

Outro candidato à liderança do PMDB, o deputado Luiz Henrique, não acredita no sucesso do bloco conservador porque "nenhum governo se sustenta com blocos, mas com partidos". Disse, ainda, não acreditar que ninguém do PMDB queira conservar o nível de perversidade existente na sociedade brasilei-

ra, e lembrou que o ex-presidente Tancredo Neves foi eleito por pregar a necessidade de mudanças.

Um membro da cúpula do PMDB, que não quis se identificar, chamou a atenção para a força da legenda, observando que "se o deputado José Lourenço está articulando um bloco conservador é porque o PFL é um partido sem futuro".

Outro deputado peemedebista, e também candidato à liderança do partido, Milton Reis, disse que "eu não entro em nenhum bloco". Não quis, porém, entrar no mérito da questão sobre a validade da articulação dos conservadores.

Quem não vê com bons olhos o movimento dos conservadores é o comunista Fernando Santana (PCB-BA). O representante comunista argumenta que a formação de um bloco conservador vai radicalizar a elaboração da nova Constituição brasileira. "E isto não é um serviço à Nação", acrescentou.

## Bloco moderado pode prejudicar

O presidente José Sarney não cometeria o erro de criar um bloco governista, pois isso certamente produziria instabilidade na base parlamentar do Governo, segundo a opinião de políticos experientes, como o veterano senador Luiz Viana Filho (PMDB-BA) ou o senador Mário Covas (PMDB-SP), além do deputado Cid Carvalho (PMDB-MA).

Mas, não são apenas os mais velhos que consideram insensata essa possibilidade. Os jovens deputados Luis Alberto Rodrigues e Roberto Brand — respectivamente ex-secretário de Planejamento de Minas e presidente do Banco de De-

envolvimento do Estado — acham que o Presidente cometeria um grande erro se promovesse a formação de um bloco governista.

O senador Mário Covas sustentava que não poderá haver líder do Governo ou bloco do Governo na Assembléia Constituinte. Nesta funcionarão os partidos com suas identidades próprias, com suas mensagens ideológicas e doutrinais. Também não acredita o senador paulista na prévia formação de blocos ideológicos — o progressista e o conservador.

Acha que haverá alinhamentos ideológicos na Constituinte em face da discussão de temas es-

pecíficos, mas considera prematuro criar blocos ideológicos previamente. Esta é, também, a opinião do senador Luiz Viana Filho, que não acredita que o Presidente da República esteja estimulando a formação de um bloco parlamentar governista. "Governistas são o PMDB e o PFL", disse Luiz Viana.

O secretário-geral do PFL, Saulo Queiroz, acha um erro articular a formação de um bloco centro-conservador e muito menos governista. "Seria discriminar e isso não dá certo", disse Saulo, lembrando, como Luiz Viana, que o PMDB e o PFL é que são os partidos do Governo.

## PFL resiste à idéia de grupos

A criação de um bloco de parlamentares de centro na Constituinte, anunciada pelo líder da bancada do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, encontra muitas resistências dentro do seu próprio partido. "Este é o pensamento do líder, não o do partido. O José Lourenço não é o PFL", reagiu ontem o ex-governador de Alagoas eleito senador pelo PFL, Divaldo Suruagy. "Eu não entro em bloco algum", frisou o deputado Joaquim Francisco de Freitas Cavalcanti, ex-prefeito de Recife.

Ao que parece, "o Zé botou o bloco na rua sem consultar os passistas", ironi-

zou um pefelista. Na última segunda-feira, ele anunciou a criação de um bloco de parlamentares de posições políticas "moderadas" — que incluiria, além do PFL, setores do PMDB e de outros partidos — que combateria, na Constituinte, os setores radicais, de extrema direita ou esquerda. Lourenço denominou-o "Tancredo Neves" e atribuiu-lhe a função de defender os interesses do governo.

"Ninguém vai frear as idéias de cada constituinte", afirmou o senador Divaldo Suruagy, que é contra a rotulação de blocos parlamentares, já que os constituintes deverão votar

de acordo com as suas idéias e não com a direção partidária. Na sua opinião, a posição do partido como um todo será conhecida apenas depois de realizada uma convenção nacional.

O ex-prefeito de Recife, Joaquim Francisco, foi enfático ao repudiar o bloco de centro, que significaria um "engessamento do processo". Ele admite votar em teses defendidas por constituintes progressistas — ou de esquerda —, se compartilhar delas, como é o caso da reforma agrária.

Ontem, o deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE) começou a articulação do bloco, entre seus correligionários.

GIVALDO BARBOSA



Com Ulysses, Luis Henrique espera vitória

## Sarney exige direito de indicar líder

O presidente Sarney disse ao deputado Luis Henrique (SC) que se reserva o direito de escolher um líder para o Governo se o próximo líder do PMDB não tiver trânsito no Palácio do Planalto, mas ressaltou que não tem nenhuma restrição contra qualquer um dos quatro deputados — inclusive Luis Henrique — que disputam o cargo.

Ontem, Luis Henrique, João Hermann (SP), Milton Reis (MG) e Carlos Sant'Anna (BA) concordaram em que, se nenhum dos quatro conseguir maioria absoluta no primeiro turno de votação, na reunião da bancada, dia 10, haverá um segundo turno dentro de 48 horas. Os quatro candidatos manifestam a disposição de manter suas candidaturas.

— Não sou candidato a líder do PMDB. A decisão é definitiva e irremovível — assim, o líder Pimenta da Veiga desmentiu ontem rumores que circulavam no Congresso dando conta de que Ulysses estava disposto a articular a sua reelei-

ção como líder da Bancada.

Pimenta disse que não aceita continuar na liderança pela simples razão de que todos os quatro são candidatos porque ele não disputa. O deputado Luis Henrique disse que Pimenta da Veiga "é um homem de palavra" e não irá desrespeitar o compromisso que assumiu com seus companheiros.

— Esta hipótese não existe. Pode desmentir assegurou o parlamentar.

Milton Reis esteve ontem 45 minutos com o presidente Sarney, das 10 h15 às 11 horas. O Presidente disse-lhe que não intervirá numa decisão que cabe unicamente aos deputados do PMDB. Nos bastidores existe a convicção de que Sarney tem simpatias pelo nome de Carlos Sant'Anna, mas não pode declará-la.

A impressão dominante no PMDB é a de que a liderança acabará sendo disputada pelos deputados Carlos Sant'Anna e Luis Henrique, o primeiro representando o grupo moderado e o segundo a esquerda do partido.

## Maciel: idéia está em estudo

O ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Marco Maciel, confirmou ontem que o presidente José Sarney poderá indicar um líder do Governo para acompanhar os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte.

Explicando que "a idéia estava em curso", o ministro diz que a pessoa a ser indicada para a função deverá ter bom trânsito, não só no próprio Executivo mas, também, na Aliança Democrática, porque o líder vai atuar independente das funções do líder no Congresso. O líder terá a função de transmitir aos constituintes os pontos de vista do presidente da Re-

pública sobre as matérias de interesse do Governo.

O ministro-chefe do Gabinete Civil informou ainda que o líder desenvolverá um trabalho suprapartidário, por isso terá que ter bom trânsito não só nos partidos mas, principalmente, dentro da Aliança Democrática. Ele entende, inclusive, que a indicação desse líder pode até ser uma prova de apreço que o presidente da República tem pelos trabalhos da Constituinte, "onde todos estamos sendo chamados a falar".

— Principalmente o Presidente, que tem a responsabilidade de dirigir o País, acrescentou.